

Do amar e querer bem

Evaristo E. de Miranda¹

29/01/2001

Todos podemos amar, ser amados e deixar-nos amar. Mas de que amor somos capazes? A resposta é certamente relativa: depende. Depende da pessoa, do contexto, da época. A trindade relacional considera sempre o amante, o amado e o próprio amor. E esse é mesmo o amor humano, relativo e absoluto². Nos evangelhos, vários termos e expressões diferentes têm sido traduzidos pela palavra amor. Qual amor unia Simão Pedro e o Cristo? Depende. Antes da paixão ou após o episódio da negação? Depois da ressurreição e antes de ascensão? Antes ou depois do martírio de Pedro? O evangelho de João (21,15-18) relata com grande riqueza essa relação, perdida em muitas traduções, inclusive na TEB³.

Após mais uma e derradeira pesca miraculosa, em que definitivamente os discípulos tornam-se pescadores de homens, Jesus preside uma refeição eucarística: pão e peixes. É sua terceira aparição entre os adeptos, desde sua ressurreição. Quando acabam de comer Jesus diz a Simão Pedro: “Simão filho de João, tu me amas mais do que estes?” Pedro responde: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te quero bem.”

Mais do que o amar, Jesus interroga sobre o quanto Pedro o ama, comparando seu amor ao dos outros discípulos. Pedro responderá com outro verbo, em outro patamar. Muitas traduções apresentam Pedro dizendo “tu sabes que eu te amo”, mas o verbo amar (*agapô*) utilizado por Jesus, não é retomado por Pedro. Ele fala em querer bem (*philo*), um amor de amigos, um amor humano e muito menos absoluto que o proposto pelo Cristo.

O texto prossegue. Jesus pela segunda vez o interroga: “Simão filho de João, tu me amas?” Agora sem comparação com o amor dos outros discípulos, a pergunta de Jesus é ainda mais absoluta. Mas Pedro responde da mesma forma, patamar e lugar: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te quero bem.”

Paradoxalmente, Pedro repete sua incapacidade ou impossibilidade de amar como o Cristo ama e amou. Ele passou pela dura experiência da negação do Cristo e de si mesmo, na sexta feira da paixão. Ali Pedro morrerá psicologicamente ao afirmar: eu não sou (*uko eimi*), o antinome de YHWH.

Pedro conhece e reconhece, agora, seus limites e sua fragilidade. Ele está menos impulsivo e angustiado, menos dividido, mais íntegro e unificado, do que em tantos episódios durante a pregação de Jesus.

Como numa peça de teatro, como num drama, poderíamos interrogar nos sobre o que passará no terceiro e derradeiro questionamento de Jesus. Um primeiro cenário possível seria Pedro, diante da pergunta de Jesus “tu me amas” (*agapas me*), enfim responder “sim, eu te amo” (*agapô se*). Pedro teria chegado a ser capaz desse amar divino (*capax Dei*, um dos títulos atribuídos a Maria). Uma segunda possibilidade seria a repetição dos dois diálogos anteriores: Jesus interroga “Simão *agapas me?*” e a resposta é *philô se* “eu te quero bem”. Seria a imutabilidade da situação. Pedro não é capaz de amar Jesus, com o amor que este segue pedindo e insistindo. Mas João nos relata uma outra possibilidade.

Surpresa. Jesus diminui a exigência e muda de verbo. Mais uma vez Ele sabe, como na sexta feira santa, que Pedro não é capaz de segui-Lo mas Ele pode acompanhá-lo. Jesus fala como Pedro, desde a sua real humanidade, e lhe diz, pela terceira vez: “Simão filho de João, tu me queres bem?” Este, entristecido ou comovido, como se ouvisse o galo cantar pela terceira vez, lhe diz: “Senhor, tu sabes tudo. Sabes, pois, que eu te quero bem”.

A humanidade e a fragilidade de Pedro, assim como a nossa, são aceitas pelo Senhor. Deus não nos ama porque somos bons ou santos, mas para que nos tornemos bons e santos, como ensinava Santa Teresinha do Menino Jesus. Esse amor humano, esse amor de pescador e pecador, basta. Sob a condução do Espírito, do Sopro Sagrado, essa Pedra não se tornará pó. Ele não deixará de glorificar a Deus na morte, após um caminho de desglorificação pessoal, ao qual somos todos chamados. Jesus confia sua Igreja a Pedro e lhe confirma o dom e o acompanhamento do Espírito, coroamento de sua evolução:

“Amèn, amèn, eu te digo: quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias. Quando fores velho, estenderás as mãos. Um outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres ir (Jo 21,18).⁴” Que o Outro, o Santo Espírito, nos cinja e conduza! Cingir evoca unir, fazer um, com o UNO. Como essa riqueza divina pode habitar nossa pobreza? Porque existe em nós, do criado e do incriado, do divino e do humano? Onde começa um, onde acaba o outro? Como fazer para sermos Um “como o Pai e eu, nós somos UM? Como realizar a união de Deus e do homem manifestada em Jesus Cristo “sem confusão, sem

separação”)? Como viver as bodas teantrópicas do criado e do incriado¹?
Amando e querendo bem, sem medo, na plenitude de nosso ser. Que o Outro
nos cinja e conduza!

¹ Doutor em ecologia, pesquisador da Embrapa e membro do Instituto Ciência e Fé
(mir@nma.embrapa.br)

² Ibn ' Arabî. Traité de l'amour. Spiritualités Vivantes. Ed. Albin Michel. Paris. 1986.
314p.

³ TEB - Tradução Ecumênica da Bíblia. Ed. Loyola. São Paulo. 1994. 2480p.

⁴ André Chouraqui. Iohanân.(O Evangelho Segundo João). Ed. Imago. Rio de Janeiro.
1997. 318p.

¹ J. Y. Leloup. L'Evangile de Thomas. Spiritualités Vivantes. Ed. Albin Michel. Paris. 1986. 254p